

Análise de Eficácia Comunicacional

Arquivo: zeca_cortes.mp4

Tipo: video · **Status:** sintetizado · **Data:** 23/07/2026, 17:44:12

Contexto: autor: Zeca Dirceu · legenda: O ditado diz: diga-me com quem tu andas que te direi quem és.

A trajetória e as alianças de Flávio Bolsonaro ao longo do tempo dizem tudo o que o brasileiro precisa saber sobre ele. Quem se cerca de quem joga contra o Brasil, seja na política externa, seja na política interna, não tem autoridade para falar em futuro.

O povo sabe exatamente quem defende a soberania nacional e quem só defende o próprio projeto de poder. · contexto: conteúdo de corte de entrevista do deputado federal Zeca Dirceu, pre-candidato a reeleição para o mesmo cargo. Ele é deputado federal pelo PT do Paraná · publico_alvo: base militante de esquerda no paraná

Pacote político (P1-P4): ativo

Síntese executiva

Índice geral: 4.7 / 10

Este conteúdo opera como munição para militância, não como peça de conversão. O mecanismo dominante é a ativação de indignação tribal através de contaminação moral por associação: Flávio Bolsonaro é apresentado como essencialmente corrupto porque 'andou com bandidos', e essa essência corrompida justifica rejeição absoluta. A aposta está na camada emocional (9 gatilhos, intensidade 2.8) e tribal (inimigo nomeado desde o segundo zero), com a lógica servindo apenas como reforço retórico ('tem vídeo, tem foto') sem lastro verificável. A engrenagem gira bem na fixação visual (caixa vermelha tremulante mantém antagonista em foco constante) e na produção de frase-síntese replicável ('foi lá pedir dinheiro!' aos 41.51s), cumprindo função de arsenal argumentativo para a base. Mas trava completamente na ausência de via de ação: 56 segundos de acusação sem nenhum CTA, sem proposta programática, sem convite à mobilização — a indignação ativada não encontra canal de escoamento. A estrutura é sermão unidirecional (razão eu/você de 99, densidade 'você' zero), não conversa mobilizadora. O conteúdo pressupõe pertencimento prévio (uso de 'né' aos 16.74s como marcador de conhecimento compartilhado) mas não o constrói ativamente (índice 'nós' zero). Para base militante paranaense, funciona como validação de rejeição já existente e fornecimento de argumento pronto; para qualquer público além desse núcleo, é opaco e autorreferente.

Forças

- **Fixação visual estratégica do antagonista** — Caixa vermelha tremulante com nome do antagonista permanece em tela durante todos os 56 segundos, criando ancoragem visual

constante que reforça associação negativa por repetição e usa cor de alerta primitivo (vermelho = perigo) para ativar sistema de ameaça sem esforço cognitivo.

- Evidência: [0:00] "texto na tela 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em caixa vermelha com borda branca, animação de tremor, presente durante todo o vídeo"
- **Produção de frase-síntese replicável** — Pergunta retórica seguida de resposta enfática e curta cria momento de catarse emocional e entrega argumento pronto para a base repetir em debates futuros, cumprindo função clássica de munição para militância.
 - Evidência: [0:41] "Pra pedir dinheiro!"
- **Concretude lexical que ancora emocionalmente** — Uso de termos que geram imagem mental imediata ('aposentado', 'velhinho', 'dinheiro roubado') facilita processamento, ativa empatia automática com vítimas vulneráveis e ancora a acusação abstrata em dor concreta.
 - Evidência: [0:53] "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho."

Fraquezas

- **Ausência total de call-to-action** — 56 segundos de acusação grave sem nenhum convite à ação concreta — a indignação ativada não encontra canal de escoamento, desperdiçando o potencial mobilizador do conteúdo para a base militante.
 - Evidência: "nenhum CTA detectado em todo o vídeo"
 - Correção sugerida: Inserir nos últimos 5 segundos CTA explícito ('compartilhe essa denúncia', 'marque quem precisa saber') para transformar indignação passiva em ação redistributiva.
- **Acusações graves sem lastro verificável** — Alegação de evidências concretas ('tem vídeo', 'tem foto', 'gravou um áudio') que nunca são apresentadas, exibidas ou referenciadas com fonte checável, comprometendo credibilidade fora da bolha e criando vulnerabilidade a fact-checking.
 - Evidência: [0:09] "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro."
 - Correção sugerida: Exibir por 3-5 segundos print do material mencionado ou citar fonte verificável ('reportagem de [veículo] em [data]') para ancorar acusação em lastro checável.
- **Narrativa centrada no antagonista, não no eleitor** — Razão eu/você de 99, densidade 'você' zero, índice 'nós' zero — o conteúdo fala sobre o inimigo para a base, mas não constrói pertencimento ativo nem posiciona o eleitor como protagonista ou agente de mudança.
 - Evidência: [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima!"
 - Correção sugerida: Abrir com validação da experiência do eleitor ('Você também cansa de ver impunidade?') e fechar com papel ativo ('É você quem decide se isso continua') para recentrar narrativa.

O que este conteúdo ensina

- **Munição para militância exige frase-síntese replicável** — A pergunta retórica seguida de resposta enfática ('Pra quê? Pra pedir dinheiro!') aos 41.51s funciona como argumento pronto que a base pode reproduzir, cumprindo objetivo de arsenal para debates futuros. (slogan_bordao)
- **Indignação sem via de ação desperdiça potencial mobilizador** — 56 segundos de acusação grave com 9 gatilhos emocionais (intensidade 2.8) mas nenhum CTA — a energia ativada não encontra canal de escoamento concreto, violando princípio básico de mobilização. (medo com via de ação)
- **Alegação de prova sem apresentação cria vulnerabilidade** — Mencionar 'vídeo', 'foto' e 'áudio' sem exibir ou citar fonte (9.17s, 16.74s) gera expectativa de concretude que permanece frustrada, comprometendo credibilidade e abrindo flanco para contestação. (loop de curiosidade)
- **Contaminação moral por associação estrutura pertencimento tribal** — A metáfora estruturante 'quem anda com bandido é bandido' opera lógica de pureza/impureza que define fronteiras do grupo por oposição ao antagonista contaminado, reforçando identidade via hostilidade compartilhada. (metáfora_estruturante)
- **Narrativa centrada no 'eu' do orador enfraquece protagonismo do eleitor** — Razão eu/você de 99 e densidade 'você' zero revelam que o conteúdo posiciona o deputado como herói-denunciante, não como guia que capacita o eleitor a julgar e agir — padrão que reduz engajamento ativo. (eleitor-herói/guia)

Coerência entre lentes: Captura inicial forte (nota 6 na lente n1 por abertura disruptiva e antagonista nomeado) coexiste com retenção fraca (nota 5 na lente n3 por monotonia visual e promessa de prova não cumprida), sugerindo que o conteúdo prende nos primeiros segundos mas não sustenta atenção até o fim — padrão típico de peça que aposta em gatilho emocional único sem variação de estímulo.

Flags: Duas flags de integridade foram acionadas. R2 (desumanização, gravidade 2) identifica padrão estruturante de contaminação moral por associação: proximidade com 'bandidos' transfere essência corrupta ao antagonista, operando lógica de pureza/impureza sem análise de conduta verificável. R4 (campanha suja/rumor, gravidade 2) aponta acusações graves (relação com crime organizado, pedido de dinheiro roubado) apresentadas sem fonte verificável no conteúdo — alegação de evidências ('tem vídeo', 'tem foto') que não são exibidas ou referenciadas. Embora o emissor tenha credencial institucional, as acusações específicas carecem de ancoragem checável, criando vulnerabilidade a contestação e limitando eficácia fora da bolha que já rejeita o antagonista.

Notas por lente

Lente	Nota
N1 — Abertura & Captura	6/10
N10 — Mensagem & Proposta	4/10
N2 — Arquitetura Narrativa	4/10
N3 — Retenção & Ritmo	5/10
N4 — Emoção & Cérebro Primitivo	6/10
N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva	5/10
N6 — Identidade & Tribo	3/10
N7 — Validação & Posição Relacional	2/10
N8 — Clareza & Carga Cognitiva	6/10
N9 — Formato & Plataforma	5/10
P1 — Tipo de Voto Alvo	7/10
P2 — Quem Bate, Perde	3/10
P3 — Performance de Debate	4/10
P4 — Eleitor-Herói	2/10

Análises por lente

N1 — Abertura & Captura — nota 6/10

O conteúdo abre com uma acusação direta e grave nos primeiros três segundos: 'Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado.' (0–7.42s). Esse movimento inicial cumpre a função de interrupção — a nomeação explícita de um antagonista político conhecido, seguida de uma predicação de essência ('é gravíssima'), aciona imediatamente o sistema de ameaça para a base militante de esquerda no Paraná, que reconhece Flávio Bolsonaro como adversário ideológico. A abertura não é neutra nem contextual: é uma sentença moral que exige posicionamento. Visualmente, o texto na tela 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em caixa vermelha com tremor animado reforça a associação negativa durante toda a peça, funcionando como âncora pré-suasiva — antes mesmo de ouvir os argumentos, o espectador já foi preparado para interpretar tudo sob o signo da culpa. A cor vermelha e o tremor criam urgência perceptual, sinalizando alerta. Para o público-alvo declarado, essa abertura não é genérica: ela mobiliza um código de grupo (a rejeição aos Bolsonaro) e oferece munção narrativa ('relação com o crime organizado') que pode ser compartilhada como prova de posição. O problema cognitivo, porém, está na ausência de via de ação imediata. A abertura aciona medo e indignação — 'crime organizado', 'bandido', 'dinheiro roubado de velhinho' (53.07–56.78s) — mas não oferece nos primeiros segundos o que o espectador pode fazer com essa informação. O teste dos cinco segundos falha parcialmente: em cinco segundos, o espectador sabe que Flávio

Bolsonaro está sendo acusado de algo grave, mas não sabe ainda se isso é denúncia jornalística, peça de campanha, ou chamado à ação. A clareza sobre o 'para quê' só emerge na legenda externa ('O povo sabe exatamente quem defende a soberania nacional'), que não está integrada ao vídeo. A abertura é disruptiva para quem já rejeita o antagonista, mas pode ser ignorada por quem não compartilha desse código — e mesmo para a base, a falta de um pedido explícito ('compartilhe', 'denuncie', 'vote contra') dilui a energia emocional gerada. A estrutura é impessoal: o orador fala sobre Flávio, não com o espectador. Não há 'você' nos primeiros segundos, nem convite direto. A frase 'Não é o que eu tô inventando isso' (8–8.92s) tenta antecipar objeção, mas reforça o eixo 'eu–ele', não 'nós–eles'. A intensidade emocional é alta desde o início, mas a coerência entre abertura e fechamento é fraca: a peça abre com crime e fecha sem resolução — não há CTA, não há convocação, não há próximo passo. A indignação gerada fica suspensa, sem canal de descarga. Para reestruturação: a abertura deveria começar com uma pergunta direta ao espectador que ative pertencimento e urgência — algo como 'Você sabe quem Flávio Bolsonaro visitou depois do escândalo do Banco Master?' — seguida imediatamente da resposta impactante ('Um criminoso de torçozeleira, pra pedir dinheiro roubado de aposentado'), e então um pedido claro nos primeiros dez segundos ('Compartilhe essa denúncia — o povo precisa saber'). Isso transformaria a abertura de acusação passiva em convocação ativa, alinhando emoção e ação desde o primeiro frame.

Dimensões: D1: 3.5/5 · D2: 4/5 · D3: 3/5 · D4: 1/5 · D5: 3/5

Penalidades: medo como chamariz sem via de ação em todo o conteúdo (–0,5); abertura desconectada do restante da peça — alta intensidade emocional sem fechamento coerente ou CTA (–0,5)

Evidências:

- [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado." — Abertura disruptiva para o público-alvo (base militante de esquerda) — aciona imediatamente o sistema de ameaça ao nomear antagonista conhecido e predicar essência grave, mas falha em oferecer via de ação nos primeiros segundos.
- [0:00] "texto na tela 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em caixa vermelha com tremor animado, presente durante toda a fala" — Âncora pré-suasiva visual — prepara associação negativa antes do argumento, usando cor vermelha (alerta) e movimento (urgência) para reforçar culpabilização do antagonista durante toda a peça.
- [0:08] "Não é o que eu tô inventando isso." — Tentativa de antecipação de objeção, mas reforça eixo 'eu' (orador) em vez de 'você' (espectador) ou 'nós' (grupo) — perde oportunidade de construir pertencimento nos primeiros segundos críticos.
- [0:38] "E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê? Pra pedir dinheiro!" — Pergunta retórica seguida de resposta enfática — técnica de canal único que direciona interpretação, mas ocorre tarde demais (após 38s) para capturar atenção inicial; deveria estar nos primeiros 10 segundos.
- [0:53] "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho." — Pico de intensidade emocional (indignação moral com vítimas vulneráveis), mas sem via de ação

subsequente — a energia gerada não tem canal de descarga, violando a exigência de coerência entre emoção acionada e fechamento.

Sugestão: Reestruturar a abertura com pergunta direta ao espectador que ative pertencimento ('Você sabe quem Flávio Bolsonaro visitou...?'), seguida da revelação impactante nos primeiros 5 segundos, e inserir CTA claro até os 10 segundos ('Compartilhe essa denúncia') para transformar indignação passiva em mobilização ativa, alinhando emoção e ação desde o início.

N10 — Mensagem & Proposta — nota 4/10

A peça não possui mensagem central formulável no sentido de uma proposta ou promessa ao eleitor — trata-se exclusivamente de denúncia por associação. O conteúdo inteiro se estrutura como acusação moral contra Flávio Bolsonaro através da enumeração de suas relações com figuras do crime organizado, especialmente Daniel Vercaro do caso Banco Master. O ditado popular que abre a legenda ('diga-me com quem tu andas que te direi quem és') funciona como síntese do argumento, mas não há nenhuma proposição sobre o que Zeca Dirceu fará, oferecerá ou mudará caso reeleito. A ancoragem na dor do público existe de forma implícita — a indignação moral com corrupção e desvio de recursos públicos ('dinheiro roubado de aposentado, de velhinho', 42.9–47.64s e 53.07–56.78s) — mas a peça não nomeia explicitamente o temor ou necessidade do eleitor paranaense, apenas pressupõe que a rejeição ao adversário ideológico seja suficiente. Para a base militante de esquerda no Paraná, público-alvo declarado, essa estratégia tem funcionalidade: oferece munição replicável ('Flávio pediu dinheiro a bandido preso') e reforça fronteiras identitárias. O problema está na completude: não há proposta alguma — nem o quê, nem como, nem com quê. A peça opera inteiramente no registro da denúncia, violando o equilíbrio diagnóstico/solução. O argumento replicável existe e é potente: 'Flávio Bolsonaro visitou um criminoso de tornozeleira para pedir dinheiro roubado de aposentados' (síntese dos trechos 27.75–42.45s). Essa frase tem todos os elementos de viralização — antagonista nomeado, ação concreta, vítimas vulneráveis — e o tom enfático do orador ('Pra pedir dinheiro!', 41.51s) marca o clímax emocional. A repetição estratégica da acusação central ocorre três vezes: a relação com o crime (0–16.03s), a visita a Vercaro (27.75–37.98s) e a natureza do dinheiro (42.9–56.78s), com a menção a 'aposentados/velhinhos' repetida em dois momentos (42.9s e 53.07s) para fixação emocional. O texto na tela ('Flávio Bolsonaro não é santo, não!') permanece visível durante toda a peça, funcionando como reforço visual contínuo da mensagem negativa. Contudo, a ausência total de proposta positiva — o que Zeca Dirceu defende, como protegerá os aposentados, que mecanismo impedirá desvios — deixa a peça vulnerável ao teste da completude. Para militância, isso pode não ser crítico: a função é fornecer argumento de ataque, não programa de governo. Mas mesmo para esse público, a peça perderia potência se incluísse ao menos uma frase-ponte: 'Por isso defendo [X]' ou 'Enquanto isso, nós [Y]'. A legenda tenta compensar ('O povo sabe exatamente quem defende a soberania nacional'), mas essa é uma afirmação genérica, não uma proposta verificável. O escopo é compatível com o emissor — deputado federal pode denunciar outro parlamentar e suas relações — e não há violação do teste do incumbente, pois Zeca não governa o executivo nem tem poder direto sobre investigações criminais. A frase-síntese memorizável existe ('Flávio foi pedir dinheiro de aposentado a bandido preso'), mas o que falta para virar munição completa é o contraste: 'Enquanto Flávio faz X, eu faço/defendo Y'. Sem isso, a peça é combustível para a base já convertida, mas não oferece razão afirmativa para o voto

— apenas razão negativa contra o adversário. A métrica de 'razão nos/eles' em zero e densidade de 'você' também em zero confirmam que a peça não constrói pertencimento nem interpela diretamente o eleitor; ela nomeia o inimigo e pressupõe que isso baste.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 3/5 · D3: 0/5 · D4: 4/5 · D5: 3/5

Penalidades: denúncia sem qualquer proposta (−0,5): peça inteira dedicada a acusação, zero proposição sobre ação futura do emissor

Evidências:

- [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado." — Abertura que nomeia o antagonista e a acusação central, mas não formula nenhuma mensagem sobre o que o emissor propõe fazer
- [0:41] "Pra pedir dinheiro!" — Clímax da denúncia, resposta enfática à pergunta retórica anterior — momento de maior intensidade emocional e síntese do argumento replicável
- [0:42] "Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velhinhos, dos servidores públicos, né?" — Ancoragem na dor do público através da nomeação de vítimas vulneráveis, mas sem proposta de proteção ou solução
- [0:53] "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho." — Repetição estratégica da vítima vulnerável no fechamento, reforçando indignação moral — mas peça termina sem proposta ou chamado à ação

Sugestão: Incluir nos últimos 10 segundos uma frase-ponte que contraste a denúncia com uma proposta concreta: 'Por isso defendo [projeto de lei específico / mecanismo de controle / proteção a aposentados]' — transformando a indignação em razão afirmativa para o voto e completando o ciclo diagnóstico-solução.

N2 — Arquitetura Narrativa — nota 4/10

Este conteúdo opera como denúncia moral pura, sem estrutura narrativa de transformação. A fórmula subjacente é conflito → resolução truncada: há um vilão nomeado e detalhado (Flávio Bolsonaro), um problema externo explícito (relação com crime organizado, pedido de dinheiro a criminoso condenado), mas a peça termina no auge da acusação sem oferecer ao público um papel ativo na resolução. O emissor ocupa integralmente o papel de herói-denunciante: é ele quem possui as provas ('Tem vídeo dele, tem foto', 0:09–0:16), quem desvenda a farsa ('NÃO era dinheiro privado!', 0:49–0:51), quem nomeia as vítimas ('dinheiro roubado de aposentado, de velhinho', 0:53–0:56). O público é convocado como testemunha indignada, não como protagonista de uma jornada. A legenda complementar tenta reposicionar: 'O povo sabe exatamente quem defende a soberania nacional' sugere um público-herói com discernimento, mas o vídeo não constrói essa identidade — o orador nunca diz 'você', nunca convida à ação, nunca desenha o 'de → para' (de enganado a consciente, de passivo a mobilizado). O problema está mapeado em duas camadas: externa (visita a criminoso, pedido de dinheiro ilícito) e interna implícita (a indignação moral que o público deveria sentir ao saber que 'ele sabia que não era', 0:51–0:52, atacando a intenção). Falta a camada filosófica articulada — o princípio universal que tornaria a denúncia transferível além do caso

específico. A legenda tenta suprir ('quem se cerca de quem joga contra o Brasil não tem autoridade'), mas o vídeo não verbaliza esse 'não deveria ser assim'. O vilão é bem construído: Flávio Bolsonaro é causa-raiz (não um sintoma), único (não pulverizado em 'a política'), relacionável (figura pública conhecida do público-alvo) e tratado como real (com alegações de provas concretas, ainda que não verificáveis no conteúdo). A qualidade do vilão é o ponto forte da arquitetura. Não há visão de sucesso: o vídeo termina na denúncia ('Era dinheiro público!', 0:53–0:56) sem mostrar o que acontece quando o público age — sem eleição ganha, sem Flávio afastado, sem justiça restaurada. A transformação prometida é zero: o público que chega indignado sai indignado, com mais munição retórica mas sem identidade aspiracional nova. Para a base militante de esquerda no Paraná (público-alvo declarado), isso funciona como combustível de mobilização — reforça a fronteira nós/eles, oferece narrativa pronta para compartilhar —, mas perde a oportunidade de converter indignação em agência. O emissor demonstra autoridade (deputado federal, acesso a informações, tom assertivo) mas não empatia: nunca reconhece o cansaço do público com escândalos, nunca valida a frustração com a impunidade, nunca diz 'eu sei como você se sente'. A estrutura é coerente internamente — cada bloco de acusação escala em gravidade (foto → áudio → visita pós-escândalo → intenção criminosa) —, mas a coerência narrativa é circular: começa denunciando, termina denunciando, sem arco de resolução. A peça pede reestruturação em três movimentos: (1) abrir com empatia ('Você já cansou de ver político envolvido com bandido sair impune?'), (2) manter a denúncia detalhada como problema, (3) fechar com visão de futuro específica ('Por isso estamos construindo a CPI X' ou 'Vote em quem tem ficha limpa de verdade — confira em [link]') e identidade 'de → para' ('de quem assiste indignado a quem cobra nas urnas'). Sem isso, o conteúdo é informativo com carga emocional, não história que organiza decisão.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 1/5 · D3: 3/5 · D4: 1/5 · D5: 3/5

Penalidades: final abrupto sem resolução (termina no pico da acusação sem mostrar consequência ou caminho); autocelebração que compete com o público pelo protagonismo (emissor como detentor exclusivo da verdade, público como plateia passiva)

Evidências:

- [0:09] "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro." — Emissor como herói-denunciante que possui as provas, não como guia que capacita o público a julgar por si
- [0:41] "Pra pedir dinheiro!" — Resposta enfática à própria pergunta retórica — emissor fornece a interpretação fechada, sem espaço para o público construir a conclusão
- [0:51] "E ele sabia que não era!" — Camada interna do problema (intenção criminosa, não apenas erro), mas sem articular o princípio filosófico universal que a tornaria transferível
- [0:53] "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho." — Ponto final da narrativa — termina na denúncia sem mostrar transformação, visão de futuro ou papel do público na resolução

Sugestão: Reestruturar em três atos: (1) abrir com empatia validando a frustração do público com impunidade ('Você também cansa de ver isso?'), (2) manter a denúncia detalhada como problema em três camadas, adicionando o princípio filosófico explícito ('Ninguém que rouba aposentado

deveria representar o povo'), (3) fechar com visão de sucesso específica ('Por isso apresentei o PL X para tornar inelegível quem...') e identidade 'de → para' clara ('de indignado a fiscal nas urnas — compartilhe para que todos saibam').

N3 — Retenção & Ritmo — nota 5/10

O conteúdo opera como peça de consolidação identitária para base já convertida, estruturado inteiramente sobre acusação moral sem necessidade de fechamento argumentativo — o que para público militante funciona como munição compartilhável, não como persuasão. A tensão é aberta no primeiro segundo com acusação gravíssima sobre relação com crime organizado (0-7.42s) e nunca se fecha: não há revelação, prova apresentada, nem desfecho narrativo. O orador enumera evidências alegadas — vídeos, fotos, áudio — mas nenhuma é exibida ou referenciada com fonte verificável. Para o público-alvo declarado (base militante de esquerda no Paraná), essa ausência não compromete a retenção porque a peça não promete investigação jornalística; ela oferece síntese indignada de fatos presumidos como conhecidos pelo grupo, reforçando fronteira moral entre 'nós que sabemos' e 'eles que se associam ao crime'. A pergunta retórica 'E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê?' (38.39-41.3s) cria breve suspensão antes da resposta enfática 'Pra pedir dinheiro!' (41.51-42.45s), único momento de micro-payoff, mas insuficiente para compensar os 56 segundos. O ritmo de estímulo é o ponto crítico: zero cortes em cena única de 56 segundos, câmera estática, cenário inalterado, apenas gesticulação manual variando. A densidade de fala (170 palavras/min) mantém fluxo verbal constante, mas sem renovação visual o conteúdo achata progressivamente após os 20 segundos. A concretude é alta — 'tornozadeira', 'velhinhas', 'aposentados', 'Banco Master' — gerando imagens mentais claras, o que sustenta atenção melhor que abstração política genérica. O contraste estruturante é forte: político em campanha versus criminoso de tornozadeira, dinheiro público versus roubo de aposentado, mas esse contraste é declarado, não mostrado — falta contraponto visual (inserção de imagem de Vorcaro, de notícia, de documento) que materializasse a acusação e quebrasse a monotonia. A memorabilidade existe na frase 'Pra pedir dinheiro!' pela ênfase vocal e brevidade, reforçada pela legenda fixa 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em caixa vermelha tremulante durante todo o vídeo — essa justaposição visual-textual funciona como slogan portátil para a base compartilhar. O payoff é fraco: o encerramento 'Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho' (53.07-56.78s) repete informação já dita (42.9-47.64s) sem síntese nova, sem chamado à ação, sem aterrisagem — o vídeo simplesmente para. Para militante que já rejeita Bolsonaro, isso basta como reforço; para qualquer grau de ceticismo, a ausência de prova apresentada e de conclusão torna o investimento de tempo pouco recompensado. A evasão é mais provável no terço médio (20-40s), quando a enumeração de acusações sem evidência visual se torna circular: 'ele foi visitar', 'já era criminoso', 'foi pra quê?' — variações da mesma denúncia sem progressão factual. O texto na tela permanece idêntico por 56 segundos, desperdiçando oportunidade de renovar estímulo com frases-síntese ou dados que pontuassem a narrativa. A ausência de cortes é penalidade severa para consumo rápido: plataformas verticais (TikTok, Shorts) condicionam expectativa de mudança visual a cada 3-7 segundos; aqui, a única variação são gestos manuais e micro-expressões faciais, insuficientes para sustentar atenção de público não-cativo por quase um minuto. A peça funciona como sermão para convertidos — alta congruência emocional (indignação moral sem modulação), alta identidade de grupo (nós que defendemos soberania versus

eles que jogam contra o Brasil, conforme legenda), mas baixa engenharia de retenção para além dos primeiros 15 segundos.

Dimensões: D1: 2.5/5 · D2: 2/5 · D3: 4/5 · D4: 3.5/5 · D5: 3/5

Penalidades: meio do conteúdo vira explicação em bloco (16.74-37.98s: enumeração de acusações sem progressão narrativa); promessa feita e não entregue (9.17-16.03s: alega existência de vídeos e fotos que nunca são apresentados); repetição circular (42.9-47.64s e 53.07-56.78s: mesma vítima 'aposentados/velhinhos' repetida sem novidade); final fraco, sem síntese nem aterrissagem (53.07-56.78s: repete acusação anterior e encerra abruptamente)

Evidências:

- [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado." — Abertura forte com acusação grave cria tensão inicial, mas promessa de gravidade nunca se materializa em prova concreta ao longo do vídeo
- [0:09] "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro." — Promessa de evidência concreta (vídeo, foto) que nunca é entregue — abre loop de curiosidade que permanece aberto até o fim, frustrando expectativa de payoff
- [0:38] "E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê? Pra pedir dinheiro!" — Único momento de micro-tensão e resolução imediata — pergunta retórica seguida de resposta enfática cria pico de atenção, mas isolado em meio a 56 segundos de acusação linear
- [0:27] "E ele foi visitar o Daniel Vercaro depois de todo o escândalo já ter sido revelado. O Daniel já tava na casa dele provisoriamente de tornozeleira, já era um criminoso." — Concretude alta (tornozeleira, casa, cronologia) gera imagem mental clara, sustentando atenção melhor que abstração, mas sem renovação visual a cena estática neutraliza o ganho
- [0:00] "[texto na tela] Flávio Bolsonaro não é santo, não! [presente por 56.33s em caixa vermelha tremulante]" — Justaposição visual-textual contínua funciona como slogan memorável para compartilhamento, mas imobilidade do elemento (sem variação) desperdiça potencial de renovação de estímulo
- [0:53] "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho." — Encerramento repete informação já dita em 42.9-47.64s sem síntese nova, sem chamado à ação — ausência de payoff deixa investimento de tempo sem recompensa narrativa

Sugestão: Inserir 4-6 cortes com imagens de apoio (foto de Vercaro, manchete sobre Banco Master, frame de áudio mencionado) nos segundos 10, 20, 30 e 45 para quebrar monotonia visual e materializar acusações. Encerrar com síntese de 5 segundos que conecte denúncia a consequência eleitoral concreta ('por isso não pode voltar') e CTA implícito de compartilhamento ('mostre isso pra quem ainda tem dúvida'), transformando sermão em munição acionável.

N4 — Emoção & Cérebro Primitivo — nota 6/10

O conteúdo opera como uma peça de mobilização tribal que ativa indignação moral contínua e crescente, construindo uma narrativa de contaminação por associação. A assinatura emocional é

dominada por raiva e desprezo direcionados a um antagonista nomeado desde o primeiro segundo, com intensidade que escala progressivamente até o clímax final. Entre 0 e 7,42 segundos, a acusação inicial ('gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado') estabelece valência fortemente negativa (-2) com ativação moderada (arousal 2). A emoção central é indignação, disparada pela justaposição visual permanente do texto 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em vermelho vibrante com borda branca e animação de tremor — uma âncora visual que funciona como alarme constante durante todo o vídeo. O vermelho não é acidental: é a cor do perigo, do sangue, do alerta primitivo que o cérebro reptiliano processa antes mesmo da compreensão verbal. Entre 9,17 e 16,03 segundos, a enumeração de evidências ('Tem vídeo dele, tem foto') mantém a ativação em patamar elevado, mas a ausência das provas visuais prometidas impede que a emoção se materialize em cena mental concreta — o discurso permanece no plano da alegação, não da demonstração. O pico emocional ocorre no terço final: a pergunta retórica 'E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê?' (38,39–41,30s) cria tensão por suspensão, imediatamente resolvida pela resposta explosiva 'Pra pedir dinheiro!' (41,51–42,45s), onde a gesticulação de punho fechado e o volume elevado da voz sincronizam com a legenda para criar um momento de catarse. A partir daí, a narrativa introduz as vítimas — 'aposentados, velhinhos, servidores públicos' (42,90–47,64s) — e a emoção migra de indignação pura para indignação com componente de proteção tribal: não é apenas crime, é crime contra os nossos vulneráveis. A repetição da palavra 'velhinho' em dois momentos distintos (47,64s e 56,78s) funciona como fixador emocional, ancorando a decisão instintiva em uma imagem mental de fragilidade violada. O fechamento ('Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho', 53,07–56,78s) entrega dupla afirmação enfática com estrutura de paralelismo que facilita memorização e repetição — é frase pronta para viralização em comentários. A curva emocional, portanto, não oferece alívio: é tensão crescente sem recompensa, o que pode gerar fadiga em públicos não alinhados, mas funciona perfeitamente para a base militante declarada, que consome esse tipo de conteúdo como combustível de indignação renovada e munção argumentativa. O problema central para ativação instintiva ampla é a abstração das provas: o orador promete vídeos, fotos, áudios, mas não os exhibe. O cérebro primitivo processa melhor o concreto — ver a foto, ouvir o áudio — do que a alegação sobre sua existência. A frase 'Tem vídeo dele, tem foto' (9,17–16,03s) cria expectativa de materialização que nunca se cumpre, deixando o decisor instintivo sem a âncora sensorial necessária para fixar a acusação como memória corporal. A iluminação quente e dramática do estúdio, com a lâmpada de filamento exposto criando sombras laterais no rosto do orador, adiciona peso emocional à fala, mas a câmera estática e o plano fixo de 56 segundos ininterruptos geram monotonia visual que compete com a intensidade verbal. O direcionamento pessoal é fraco: o discurso fala SOBRE o antagonista, não PARA o espectador. Não há um único 'você' que implique o público diretamente na narrativa — a construção é 'ele fez X' em vez de 'isso afeta você porque Y'. Para a base militante, isso não é defeito fatal, pois o objetivo é fornecer narrativa pronta para compartilhamento ('olha o que ele fez!'), não converter indecisos. O contraste decisório está implícito na legenda ('quem defende a soberania nacional vs. quem só defende o próprio projeto de poder'), mas não é verbalizado no vídeo, perdendo oportunidade de facilitar a escolha rápida. O medo não é o motor emocional aqui — é a indignação moral pura, sem componente de vulnerabilidade pessoal ou ameaça futura ao espectador. Não há sequência 'se isso continuar, você vai perder X', apenas 'isso é errado e ele é culpado'. Para ativar mais o decisor instintivo em públicos além da base, seria necessário: inserir as evidências visuais

prometidas (foto, frame de vídeo, áudio com legenda) nos momentos de alegação, transformando abstração em cena mental; adicionar um trecho que materialize a consequência direta para o espectador ('enquanto isso, você paga mais imposto / seu pai aposentado recebe menos'); e fechar com contraste visual e verbal explícito entre duas escolhas ('de um lado, quem rouba de velhinho; do outro, quem defende seu futuro — você decide'). A memorabilidade do início é forte pela acusação direta e pelo elemento visual permanente, mas o fim é apenas reafirmação da acusação sem frase-síntese ou imagem de impacto que fixe a mensagem.

Dimensões: D1: 4/5 · D2: 2.5/5 · D3: 2.5/5 · D4: 1/5 · D5: 2/5 · D6: 3.5/5

Penalidades: abstrações políticas sem materialização: promessa de vídeos, fotos e áudios nunca exibidos; tom monotônico sem variação: câmera estática, plano fixo de 56s, sem cortes ou mudança de ritmo visual; foco exclusivo em dados e lógica sem implicação pessoal: nenhum 'você' direcionando consequência ao espectador

Evidências:

- [0:00] "texto na tela 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em caixa vermelha com borda branca, animação de tremor, presente durante todo o vídeo" — âncora visual permanente que ativa alerta primitivo (vermelho = perigo) e mantém o antagonista nomeado em foco constante, funcionando como fixador emocional por repetição visual
- [0:09] "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro." — promessa de concretude que cria expectativa de materialização (ver a prova), mas permanece no plano da alegação verbal, impedindo que o cérebro primitivo forme cena mental específica e ancoragem sensorial
- [0:41] "Pra pedir dinheiro!" — pico de ativação emocional com resposta enfática à própria pergunta retórica, sincronizando volume elevado, punho fechado e legenda para criar momento de catarse e fixação da acusação central
- [0:42] "Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velhinhos, dos servidores públicos, né?" — introdução de vítimas vulneráveis que adiciona componente de proteção tribal à indignação, mas sem implicação direta ao espectador ('seu pai', 'sua mãe') que ativaria decisor instintivo por ameaça pessoal
- [0:53] "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho." — fechamento com dupla afirmação enfática e paralelismo que facilita memorização, mas sem frase-síntese visual ou contraste decisório explícito que ancoraria escolha rápida

Sugestão: Inserir nos segundos 9–16 um frame de foto ou vídeo mencionado (mesmo que borrado para 'ilustração') para materializar a alegação em cena mental concreta; adicionar aos 47–49 segundos uma frase de implicação direta ('enquanto ele pedia dinheiro roubado, você pagava a conta') para ativar vulnerabilidade pessoal; e fechar com split-screen visual ou contraste verbal explícito ('de um lado, quem rouba de velhinho; do outro, quem você escolhe?') para facilitar decisão instintiva.

N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva — nota 5/10

Este conteúdo opera como peça de mobilização tribal, não de persuasão de indecisos. O sistema persuasivo está calibrado para reforçar convicções preexistentes na base militante de esquerda, oferecendo munição argumentativa e validação emocional. A arquitetura segue o padrão clássico de ataque político: estabelecer credibilidade institucional (deputado federal falando de microfone profissional em estúdio), ativar indignação moral contra antagonista nomeado, e entregar narrativa pronta para compartilhamento. A metáfora estruturante da contaminação moral por proximidade ('diga-me com quem andas') funciona como moldura cognitiva que dispensa prova direta — basta demonstrar associação para concluir culpa. O problema central não é a escolha de lado ideológico, legítima para o público-alvo declarado, mas a fragilidade do lastro probatório nos momentos decisivos do argumento. Entre 0 e 16 segundos, o orador nomeia o antagonista e faz acusação gravíssima ('relação com o crime organizado'), mas imediatamente aos 8 segundos sente necessidade de antecipar objeção ('Não é o que eu tô inventando isso'), revelando consciência da ausência de prova no próprio discurso. A promessa de evidência concreta vem aos 9-16 segundos ('Tem vídeo dele, tem foto'), mas nenhuma é apresentada ou referenciada de modo verificável. Este padrão se repete: alegação de áudio comprometedor (16-27s), visita após escândalo (27-32s), torçãozeira (33-37s) — todos detalhes que soam específicos mas permanecem não verificáveis dentro do conteúdo. A sequência persuasiva está bem construída para o objetivo: credencial institucional → indignação crescente → perguntas retóricas que canalizam para resposta única → clímax emocional com vítimas vulneráveis ('velhinhos', 'aposentados'). O empilhamento de gatilhos emocionais é intenso mas não chega à saturação porque a narrativa avança cronologicamente (história de Flávio → áudio → visita → pedido de dinheiro), dando sensação de progressão argumentativa. A justaposição visual contínua do texto 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em vermelho tremulante funciona como âncora mnemônica para compartilhamento. O cenário informal (tijolos, lâmpada de filamento) e a gesticulação enfática constroem autenticidade percebida, contrastando com frieza institucional. O fechamento do sistema, porém, é o ponto mais fraco: não há call-to-action explícito. A peça mobiliza indignação mas não a canaliza para ação concreta — falta o 'portanto, faça X'. Para base militante em ano eleitoral, esperava-se ao menos um 'compartilhe', 'não deixe esquecer' ou 'nas urnas, a resposta'. A legenda tenta compensar ('O povo sabe exatamente quem defende a soberania nacional'), mas permanece genérica. A proporção de gatilhos não verificáveis é preocupante: dos 21 detectados, apenas 3 têm lastro real (credencial de deputado, microfone, cenário). Os 9 gatilhos emocionais, que são o motor da peça, todos operam sem lastro verificável. Isso não impede eficácia com público já convencido, mas torna a peça vulnerável a fact-checking e reforça bolha em vez de expandir persuasão. A repetição de 'aposentados/velhinhos' (42-47s e 53-56s) funciona bem como fixação emocional sem chegar à fadiga. A ausência total de modalizadores ('talvez', 'parece', 'segundo') e a linguagem de essência ('já era um criminoso', 'bandido do Banco Master') radicalizam o discurso, adequado para mobilização mas arriscado para credibilidade de longo prazo. O ritmo é lento para consumo de rede social vertical (56 segundos em plano único, zero cortes), mas a densidade de fala (170 palavras/minuto) e a gesticulação constante compensam parcialmente. A maior fragilidade está na dimensão de integridade: os pivôs centrais do argumento (vídeos, fotos, áudio, visita) são todos gatilhos falsificados ou não verificáveis, e a peça não oferece caminho para o espectador checar. Para base militante, isso pode não importar — a autoridade institucional do orador e o alinhamento ideológico bastam. Mas o sistema persuasivo perde potência fora da bolha e fica exposto a contra-narrativa factual.

Dimensões: D1: 4/5 · D2: 4/5 · D3: 1.5/5 · D4: 3/5 · D5: 2/5

Penalidades: prova social não verificável como pivô: alegações de vídeos, fotos e áudio que sustentam acusação central sem apresentação ou fonte (-0.5); repetição do mesmo gatilho até fadiga potencial: 'indignação' aparece 6 vezes em 56 segundos, com mesma estrutura retórica (-0.5)

Evidências:

- [0:08] "Não é o que eu tô inventando isso." — Revela consciência da fragilidade probatória — orador antecipa objeção antes de apresentar qualquer evidência, sinalizando que o próprio sistema persuasivo reconhece ausência de lastro verificável.
- [0:09] "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro." — Pivô do argumento que promete concretude ('vídeo', 'foto') mas não entrega verificabilidade — funciona como dado específico falsificado, central para a acusação mas impossível de checar dentro do conteúdo.
- [0:38] "E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê? Pra pedir dinheiro!" — Pergunta retórica que canaliza para resposta única fornecida pelo próprio orador — técnica persuasiva eficaz para fechar interpretação, mas explicita demais o mecanismo de controle narrativo.
- [0:42] "Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velhinhos, dos servidores públicos, né?" — Clímax emocional que empilha vítimas vulneráveis para amplificar indignação moral — funciona bem para mobilização tribal, mas sem lastro verificável da motivação atribuída.
- [0:53] "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho." — Pico de indignação com dupla afirmação enfática e repetição de vítimas — encerra narrativa emocional mas deixa sistema persuasivo sem fechamento de ação (falta CTA).

Sugestão: Inserir ao menos uma fonte verificável (ex.: 'reportagem do Jornal X mostrou', 'processo Y da Justiça Federal') nos primeiros 20 segundos para ancorar as alegações mais graves em lastro checável, preservando a indignação mas blindando contra fact-checking. Adicionar CTA explícito nos últimos 5 segundos ('Compartilhe para que todos saibam' ou 'Nas urnas, a resposta') para canalizar a indignação mobilizada em ação concreta, fechando o sistema persuasivo.

N6 — Identidade & Tribo — nota 3/10

O conteúdo não constrói uma comunidade — ele pressupõe uma. O "nós" existe apenas como sombra projetada pelo "eles": quem assiste sabe que pertence ao grupo correto porque reconhece o inimigo nomeado. A peça inteira funciona como denúncia de Flávio Bolsonaro (0s a 56s), estruturada como acusação criminal sem nenhum momento de virada para dentro, para o grupo que assiste. Não há nome para a tribo, nenhum símbolo de pertencimento além da caneca com logo que pode ou não ser reconhecido, nenhum bordão mobilizador — o texto na tela "Flávio Bolsonaro não é santo, não!" é sobre o adversário, não sobre quem somos. A legenda menciona "o povo" e "quem defende a soberania nacional", mas são categorias abstratas, não identidades ativadas com base concreta. O público-alvo declarado é a base militante de esquerda no Paraná, mas a peça não os trata como protagonistas: nenhum nome de militante aparece, nenhuma história local é contada, nenhum rosto comum é destacado. A única pessoa visível é o próprio Zeca Dirceu, deputado federal, falando de

um estúdio — a hierarquia é clara, o fluxo é unidirecional. O convite à participação é zero: não há pedido de ação, não há espaço para co-criação, não há ritual de engajamento além do implícito "assista e concorde". A peça trabalha para o estágio mais básico da jornada — atrair atenção de quem já é casual ou seguidor —, mas usa táticas inadequadas: 56 segundos de fala contínua sem corte, densidade emocional alta (9 gatilhos emocionais, intensidade média 2.8) mas sem alívio ou recompensa, nenhum loop de curiosidade que prenda até o fim. Para uma base militante, falta munição compartilhável: o conteúdo não entrega frase-síntese, não oferece dado novo verificável (todas as acusações são "não verificáveis" segundo a análise de gatilhos), não arma o militante para a conversa de rua. A fronteira do pertencimento é inteiramente negativa: você está do lado certo porque Flávio Bolsonaro está do lado errado, porque ele "anda com bandidos" (16.74s a 27.24s), porque "foi pedir dinheiro roubado de velhinho" (41.51s a 56.78s). A métrica de direcionamento confirma: razão nós/eles é zero — o exogrupo é tão ou mais citado que qualquer endogrupo, e a densidade de "você" é zero, o índice de "nós" é zero. A peça mobiliza indignação, mas não canaliza para identidade coletiva. Um militante que assiste sai com raiva de Flávio, não com orgulho renovado de ser parte de um projeto. A reestruturação prioritária seria: nomear explicitamente o "nós" com base territorial ("nós, paranaenses que...") ou programática ("nós que defendemos aposentado"), destacar uma história real de alguém da base que foi prejudicado ou que está agindo, e fechar com convite concreto — "grave seu vídeo contando", "compartilhe com três pessoas", "vem pra rua dia X" — que dê papel ativo e transforme seguidor em membro conectado.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 1/5 · D3: 2/5 · D4: 0/5 · D5: 1/5

Penalidades: comunidade citada mas sem papel (legenda menciona 'o povo' mas peça não os ativa); saturação de pedidos implícitos (só 'receba denúncia', nenhum 'sirva' ou 'aja')

Evidências:

- [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima!" — Abertura centrada no antagonista, não no grupo — define pertencimento por oposição desde o primeiro segundo
- [0:42] "Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velhinhos, dos servidores públicos, né?" — Vítimas nomeadas genericamente (velhinhos, aposentados) mas nenhuma história concreta ou rosto — público como massa, não como protagonista
- "legenda: 'O povo sabe exatamente quem defende a soberania nacional'" — Único momento de construção de 'nós' (o povo que sabe), mas permanece abstrato, sem ancoragem em território, causa concreta ou experiência compartilhada verificável
- "métrica razão_nos_eles: 0 (exogrupo tão ou mais citado que endogrupo)" — Confirma que pertencimento é cimentado exclusivamente pela hostilidade ao 'eles', não por afirmação própria
- "nenhum CTA detectado, densidade_voce: 0, indice_nos: 0" — Ausência total de convite à participação com papel real — público tratado como audiência passiva, não como comunidade ativa

Sugestão: Reestruturar em três blocos: (1) abrir com história real de um aposentado paranaense prejudicado (nome, rosto, cidade), (2) conectar a denúncia de Flávio a essa história concreta,

nomeando explicitamente o 'nós' ('nós que defendemos nossos velhos no Paraná'), (3) fechar com convite de papel ativo ('grave seu depoimento', 'vem pra assembleia dia X', 'compartilhe com alguém que precisa saber') que transforme indignação em ação coletiva e dê ao militante munição verificável para a conversa de rua.

N7 — Validação & Posição Relacional — nota 2/10

O conteúdo opera inteiramente no registro da acusação sem qualquer tentativa de validar a experiência ou as preocupações do público antes de pedir mudança — e, de fato, não há pedido explícito de mudança, apenas a construção de um inimigo moral. Do primeiro segundo até o último, o emissor despeja denúncias graves sobre Flávio Bolsonaro ('relação com o crime organizado', 'visitar bandido pra pedir dinheiro roubado de aposentado') sem jamais reconhecer, espelhar ou acolher qualquer dor, dúvida ou experiência vivida pela audiência. A sequência é acusação → acusação → acusação, sem nenhum degrau da escada da validação: não há escuta de preocupações do público, não há espelhamento do vocabulário que a base usa para descrever suas próprias angústias, não há compreensão demonstrada do tipo 'dado o que vocês viveram com [X], faz sentido que sintam [Y]'. O único momento que se aproxima de validação é indireto e está na legenda externa ('O povo sabe exatamente quem defende a soberania nacional'), mas isso é afirmação de superioridade cognitiva do grupo, não acolhimento de experiência. No vídeo propriamente, entre 0 e 56 segundos, não há um único marcador de que o emissor vê, entende ou se importa com o que o público sente ou vive — há apenas a expectativa de que compartilhem da indignação já pronta. A validação aqui é presumida, não demonstrada: o emissor assume que a base já está indignada com Bolsonaro e que basta alimentar essa indignação com mais combustível factual (ou alegadamente factual). Isso pode funcionar para mobilização de quem já está convertido — o público-alvo declarado é 'base militante de esquerda no Paraná', não persuasíveis — mas mesmo para a base, a ausência de validação tem custo: não há momento de 'eu sei que vocês estão cansados dessa narrativa', 'eu sei que parece que nada muda', 'eu sei que a impunidade dói'. A indignação é servida crua, sem o amortecimento relacional que tornaria o pedido implícito ('rejeitem esse projeto') mais palatável. O emissor usa linguagem concreta e acessível ('velhinhos', 'tornazeleira', 'bandido'), o que gera imagem mental forte, mas essa concretude está a serviço da acusação, não da empatia. Não há autorrevelação ('eu também me senti traído quando vi isso', 'eu também tive dúvida se valia a pena continuar denunciando') — o emissor permanece na posição de acusador externo, não de alguém que compartilha a jornada emocional do público. A emoção demonstrada é indignação, e ela é congruente com o não-verbal (gestos enfáticos, tom elevado em 'NÃO era dinheiro privado!'), mas essa emoção não é rotulada nem oferecida como ponte: é simplesmente exibida, e o público deve acompanhar ou ficar para trás. O risco maior está na invalidação implícita de quem não compartilha a indignação pronta: se alguém da própria base hesita, se questiona a utilidade de mais uma denúncia sem consequência, esse conteúdo não oferece espaço para essa dúvida — a mensagem é 'isso é gravíssimo, ponto'. Não há 'eu sei que você pode estar cansado de ouvir sobre corrupção, mas desta vez é diferente porque [X]'. A estrutura é de tribunal, não de conversa: o emissor é promotor, Flávio é réu, e o público é júri que deve condenar. Falta o momento de 'antes de pedir que vocês carreguem mais essa indignação, deixa eu reconhecer o peso que vocês já carregam'. Para a base militante, isso pode não ser fatal —

o código de grupo ('quem defende a soberania nacional') na legenda cria algum pertencimento compensatório — mas mesmo para mobilização interna, a ausência de validação torna o conteúdo mais extrativo (pede atenção, indignação, compartilhamento) do que nutritivo (oferece alívio, compreensão, direção clara). A única validação implícita é a de que 'vocês, ao contrário dos bolsonaristas, conseguem ver a verdade' — mas isso é validação da capacidade cognitiva, não da experiência emocional. O emissor trata o público como aliado tático, não como pessoa com cansaço, medo ou necessidade de ser visto antes de ser convocado.

Dimensões: D1: 0/5 · D2: 1/5 · D3: 1/5 · D4: 3/5 · D5: 4/5

Penalidades: solução técnica despejada sobre dor não reconhecida (denúncia factual sem acolher o cansaço ou a dor da base com a impunidade)

Evidências:

- [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado." — Abertura sem validação: o emissor inicia com acusação direta, sem nenhum reconhecimento prévio da experiência do público (ex.: 'eu sei que vocês estão cansados de ver impunidade'). A sequência é pedido implícito (rejeitem) sem validação prévia.
- [0:08] "Não é o que eu tô inventando isso." — Única tentativa de validação, mas é defensiva (antecipa objeção) e centrada no emissor ('eu não invento'), não na experiência do público. Não há espelhamento de dúvidas reais da base nem reconhecimento de que a saturação de denúncias pode gerar ceticismo legítimo.
- [0:42] "Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velhinhos, dos servidores públicos, né?" — Uso de vítimas concretas ('velhinhos') para amplificar indignação, mas sem validar a dor do público com essas vítimas. Não há 'eu sei que muitos de vocês são servidores e sentem isso na pele' — a empatia é com as vítimas da narrativa, não com quem assiste.
- [0:49] "NÃO era dinheiro privado!" — Emoção demonstrada (volume elevado, gesto de negação) é congruente com a fala, mas não é rotulada nem oferecida como ponte ('eu sei que isso revolta, porque revolta a mim também'). A emoção é exibida, não compartilhada relacionalmente.
- "legenda: 'O povo sabe exatamente quem defende a soberania nacional'" — Única validação implícita: afirma a capacidade cognitiva do público ('sabe'), mas não valida experiência emocional (cansaço, medo, dor com a impunidade). É validação de superioridade do grupo, não de vulnerabilidade.

Sugestão: Abrir com 15 segundos de validação explícita antes da primeira acusação: 'Eu sei que vocês estão cansados de ver denúncia atrás de denúncia e nada acontecer. Eu também sinto isso. Mas tem uma história que precisa ser contada, porque ela mostra exatamente por que a luta vale a pena.' Inserir autorrevelação no meio ('quando eu vi esse áudio, senti a mesma revolta que sei que vocês sentem') e rotular a emoção oferecida ('é legítimo estar indignado, e é por isso que não podemos parar'). Fechar com compromisso concreto que valide a ação do público: 'Vocês que compartilham, que cobram, que não deixam esquecer — vocês são a razão pela qual essas histórias não morrem. Obrigado por aguentar mais essa.'

N8 — Clareza & Carga Cognitiva — nota 6/10

O vídeo opera em modo de monólogo contínuo de 56 segundos sem cortes visuais, apostando na força da denúncia verbal para sustentar a atenção. A mensagem central é inequívoca — Flávio Bolsonaro mantém relações com criminosos e buscou dinheiro ilícito de aposentados — e essa unicidade atravessa toda a peça sem desvios. O orador enumera evidências concretas (vídeo, foto, áudio, visita) e nomeia pessoas específicas (Daniel Vorcaro, Banco Master), o que ancora a acusação em elementos tangíveis e reduz a abstração. A linguagem é direta, com frases curtas e vocabulário acessível: "Pra pedir dinheiro!" (41.51s), "Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho" (53.07s). O índice Flesch de 75.8 confirma a facilidade de processamento, e a frase média de 10.7 palavras mantém o ritmo leve para o ouvido. No entanto, a peça tropeça em três pontos críticos de carga cognitiva. Primeiro, a ausência total de cortes visuais em quase um minuto cria monotonia perceptiva — o cérebro recebe estímulo idêntico por tempo excessivo para o formato vertical de consumo rápido, e a métrica de cena média (56.33s) sinaliza risco de fadiga. Segundo, há colisão parcial entre o texto fixo na tela ("Flávio Bolsonaro não é santo, não!") e a legenda automática que transcreve a fala: o espectador precisa escolher onde focar, e a caixa vermelha tremendo compete com a amarela em movimento, fragmentando a atenção. Terceiro, a densidade de nomes e eventos sem contextualização prévia exige que o público já conheça o caso Banco Master e Daniel Vorcaro — para quem não conhece, a sequência "ele gravou um áudio dizendo pro Daniel Vorcaro, né, o bandido do Banco Master, né, que o Daniel era irmão dele" (16.74s) empilha três informações novas (áudio, pessoa, instituição) em dez segundos, ultrapassando o limite confortável da memória de trabalho. A peça funciona bem para a base militante de esquerda no Paraná, público que já possui o contexto do escândalo e busca munição retórica, mas para espectadores de atenção parcial ou menos informados, a ausência de respiração visual e a velocidade de introdução de personagens geram custo de processamento. A concretude lexical é alta — "tornozeleira", "velhinhos", "aposentados" — e isso ajuda, mas a estrutura monolítica da cena única neutraliza parte do ganho. A sugestão prioritária é introduzir três cortes de apoio visual (foto de Vorcaro, manchete sobre Banco Master, imagem de tornozeleira eletrônica) nos momentos de maior densidade informacional (16s, 27s, 37s), o que quebraria a monotonia, reforçaria a prova social das evidências alegadas e daria ao cérebro pontos de ancoragem visual para processar os nomes e eventos sem sobrecarga.

Dimensões: D1: 3.5/5 · D2: 5/5 · D3: 2.5/5 · D4: 4/5 · D5: 2.5/5

Penalidades: cena monolítica de 56s sem corte visual — fadiga perceptiva; colisão entre texto fixo na tela (caixa vermelha) e legenda automática (caixa amarela) — competição por atenção

Evidências:

- [0:16] "E ele gravou um áudio dizendo pro Daniel Vorcaro, né, o bandido do Banco Master, né, que o Daniel era irmão dele, que eles iam tá junto em qualquer momento." — Momento de maior densidade informacional — três elementos novos (áudio, pessoa, instituição) em 10 segundos, exigindo memória de trabalho acima do limite confortável para público sem contexto prévio.

- [0:41] "Pra pedir dinheiro!" — Exemplo de concretude e síntese — frase curta, verbo de ação, sem abstração, processamento imediato.
- [0:53] "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho." — Concretude lexical alta (aposentado, velhinho) gera imagem mental clara e ancora emocionalmente a acusação, facilitando retenção.
- [0:00] "texto na tela 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em caixa vermelha com borda branca, presente durante toda a fala" — Elemento visual fixo que compete com legenda automática amarela em movimento — colisão de canais simultâneos reduz fluência perceptiva.

Sugestão: Inserir três cortes de 2-3 segundos com imagens de apoio (foto de Vorcaro, manchete sobre Banco Master, imagem de tornozelo) nos timestamps 16s, 27s e 37s para quebrar monotonia visual, ancorar nomes desconhecidos e reduzir carga simultânea de informação verbal.

N9 — Formato & Plataforma — nota 5/10

A peça é um corte de entrevista vertical filmado em estúdio com parede de tijolos, microfone profissional e iluminação dramática, formato típico de podcast político adaptado para consumo em feed. O enquadramento 9:16 e a duração de 56 segundos indicam pensamento nativo para Shorts ou TikTok, mas a execução trai a origem: é uma cena única, estática, sem cortes, com câmera fixa em plano médio durante quase um minuto — gramática de entrevista longa transposta para ambiente de atenção parcial. O orador gesticula com intensidade e mantém contato visual intermitente, mas a ausência de variação visual (nenhum insert, nenhum B-roll das 'fotos e vídeos' mencionados, nenhum corte de ritmo) transforma o conteúdo em monólogo televisivo verticalizado, não em peça nativa do feed. A legenda automática amarela sobre fundo preto semitransparente garante funcionalidade no mudo — o texto acompanha a fala com sincronia adequada e contraste suficiente para leitura em tela pequena. O texto fixo no topo ('Flávio Bolsonaro não é santo, não!') em caixa vermelha com borda branca e leve tremor animado funciona como manchete permanente, mas sua posição central compete com o rosto do orador pela atenção, criando colisão de saliência: o elemento mais chamativo não é a mensagem do momento, mas uma síntese genérica que se mantém idêntica enquanto o argumento evolui de acusação de associação criminosa (0-16s) para denúncia de pedido de dinheiro roubado (38-56s). A congruência sensorial é parcial: a iluminação quente e o cenário de tijolos sugerem informalidade e autenticidade, mas a produção é visivelmente estruturada — microfone de estúdio, enquadramento profissional, watermark institucional ('CORTES DO ZECA DIRCEU') no canto superior direito. Essa tensão entre estética 'crua' e produção polida não chega a disparar o filtro anti-anúncio porque o gênero 'corte de podcast político' já é nativo das plataformas e o público-alvo declarado (base militante de esquerda no Paraná) reconhece e consome esse formato como conteúdo, não como publicidade. A voz é própria — Zeca Dirceu fala em primeira pessoa, com indignação autêntica e gesticulação espontânea, sem roteiro decorado —, mas a ausência de CTA explícito desperdiça a oportunidade de converter atenção em ação: não há pedido de compartilhamento, não há direcionamento para perfil ou campanha, não há gesto nativo da plataforma (comentar, seguir, salvar). A legenda na descrição do post menciona 'quem defende a soberania nacional' e 'projeto de poder', mas essa camada interpretativa não aparece no vídeo, criando dependência de contexto externo para a mensagem completa. A informação essencial está bem posicionada: a acusação central ('relação com o crime organizado') surge nos primeiros 7

segundos, mas o gancho emocional mais forte ('pra pedir dinheiro!', 41-42s) fica enterrado no terço final, quando parte da audiência de feed já terá deslizado. A peça funciona plenamente no mudo, mas não explora recursos nativos de retenção — nenhum zoom, nenhum freeze frame nos momentos de ênfase ('NÃO era dinheiro privado!', 49-51s), nenhum uso de stickers ou emojis para pontuar a indignação. A estética atravessa o filtro porque o formato 'deputado falando direto' é lido como opinião política, não como propaganda eleitoral, mas a ausência de dinamismo visual torna a peça vulnerável ao pulo: quem não se engaja nos primeiros 10 segundos não encontra estímulo novo para permanecer. Para o público-alvo declarado, a linguagem é adequada — acusações diretas, antagonista nomeado, indignação moral —, mas a forma não maximiza a viralização dentro da própria bolha: falta o momento 'recortável' de 6-8 segundos que a militância compartilharia como munção isolada. A peça é nativa do meio no conceito (vertical, legendada, duracional), mas não na execução (estática, sem cortes, sem CTA, sem camadas visuais). Reestruturação prioritária: fragmentar o monólogo em 3-4 cortes secos nos picos de ênfase (7s, 16s, 42s, 51s) para criar ritmo de feed; inserir B-roll ou cards de texto com os nomes citados (Daniel Vercaro, Banco Master) para ancorar visualmente as acusações; adicionar CTA verbal e visual nos últimos 3 segundos ('compartilha pra quem precisa saber disso' + gesto de apontar para o botão de compartilhar).

Dimensões: D1: 3.5/5 · D2: 4/5 · D3: 5/5 · D4: 2/5 · D5: 3/5 · D6: 0/5

Penalidades: genérico da categoria: formato 'corte de podcast político' intercambiável com dezenas de outros canais de deputados — apenas a watermark e o rosto identificam o emissor

Evidências:

- [0:00] "cena única de 56,33s sem nenhum corte, câmera estática, plano médio fixo" — Evidencia que a peça foi pensada para o formato vertical (9:16) mas não para a gramática de retenção da plataforma — ausência total de variação visual contradiz o padrão de consumo em feed, onde cortes a cada 3-7s sustentam atenção parcial.
- [0:00] "texto fixo 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em caixa vermelha tremulante, posição central, presente durante toda a duração" — Demonstra colisão de saliência: o elemento mais chamativo (cor vermelha, animação, posição central) não coincide com a mensagem do momento — permanece idêntico enquanto o argumento evolui de 'relação com crime organizado' (0-16s) para 'pedido de dinheiro roubado' (38-56s), dispersando foco em vez de guiá-lo.
- [0:09] "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro." — Revela oportunidade perdida de congruência sensorial: o orador menciona 'vídeo' e 'foto' como evidências, mas nenhum B-roll ou insert visual aparece — a peça permanece no plano médio estático, desperdiçando o momento de maior potencial de ancoragem visual e credibilidade.
- [0:41] "Pra pedir dinheiro!" — Identifica o pico emocional da narrativa (resposta enfática à própria pergunta retórica, volume elevado, punho cerrado) posicionado no segundo 41 de 56 — informação essencial enterrada no terço final, quando a curva de retenção em feed já está em queda, violando o princípio de posição do essencial no topo.

- [0:56] "vídeo termina sem CTA verbal, visual ou gestual — última frase é 'Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho' seguida de corte abrupto" — Comprova ausência de CTA nativo: nenhum pedido de ação (comentar, compartilhar, seguir), nenhum gesto apontando para botão da plataforma, nenhuma instrução verbal — a peça mobiliza indignação mas não a canaliza, desperdiçando o momento de maior ativação emocional para conversão em engajamento.

Sugestão: Fragmentar o monólogo em 4 cortes secos nos picos de ênfase (7s, 16s, 42s, 51s) para criar ritmo de feed; inserir B-roll ou cards de texto com nomes e termos-chave (Daniel Vorcaro, Banco Master, tornozeleira) nos momentos de acusação para ancorar visualmente e gerar momentos 'recortáveis'; adicionar CTA verbal e visual nos últimos 3 segundos ('marca quem precisa ver isso' + gesto de apontar para baixo) para converter indignação em ação nativa da plataforma.

P1 — Tipo de Voto Alvo — nota 7/10

Esta peça fala exclusivamente para a base militante de esquerda no Paraná, e o faz com precisão cirúrgica. Não há qualquer tentativa de persuadir indecisos ou construir pontes com eleitores de outros campos — trata-se de conteúdo de mobilização e munição para quem já está convencido. O alvo é inequívoco desde o primeiro segundo: o texto na tela 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em caixa vermelha tremulante permanece durante toda a fala, funcionando como carimbo de inimigo comum que dispensa apresentações. A linguagem pressupõe que o espectador já conhece o caso Banco Master, já tem opinião formada sobre a família Bolsonaro e já compartilha do enquadramento moral de que associação com criminosos equivale a essência corrupta. Não há didatismo, não há contextualização para quem está fora do circuito — o orador menciona 'Daniel Vorcaro, né, o bandido do Banco Master, né' (16.74s-27.24s) como se todos soubessem exatamente de quem e de que escândalo se trata. O 'né' repetido funciona como marcador de cumplicidade: 'você sabe do que estou falando'. A caneca com logo 'un' verde (provavelmente UNE) e a camiseta verde militar com 'BOSS' são códigos visuais de pertencimento que reforçam a identidade do emissor dentro do campo progressista, sem constrangimento — porque o público-alvo reconhece e valoriza esses símbolos. O registro é perfeitamente coerente com a posição de desafiante do bolsonarismo (ainda que Zeca Dirceu seja incumbente no cargo): toda a peça é denúncia, indignação moral, construção de antagonista. Não há promessas, não há balanço de gestão própria — apenas o ataque sustentado que mobiliza pela rejeição ao adversário. A função entregue ao alvo é cristalina: munição para debate nas redes e reforço de convicção. A estrutura em perguntas retóricas ('E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê?' 38.39s-41.3s, respondida imediatamente com 'Pra pedir dinheiro!' 41.51s-42.45s) não busca fazer o espectador pensar — busca fazer o espectador repetir a resposta pronta em discussões futuras. A enumeração repetida de vítimas vulneráveis ('aposentados, velhinhos, servidores públicos' 42.9s-47.64s, depois 'dinheiro roubado de aposentado, de velhinho' 53.07s-56.78s) não é redundância accidental: é fixação de frame emocional para uso posterior. O problema estrutural da peça não está na escolha do alvo — está na ausência de call-to-action que transforme indignação em ação concreta. A base recebe a munição, sente a indignação validada, mas não recebe instrução sobre o que fazer com isso: compartilhar com quem, usar em que contexto, mobilizar para qual ato específico. Para conteúdo de base em pré-campanha, falta o elo entre emoção e organização. A linguagem é acessível (Flesch 75.8, frases de 10.7 palavras), mas a alta razão eu/você (99) revela que o orador fala sobre o inimigo, não com o aliado — a peça seria

mais eficaz se alternasse entre denúncia ('ele fez X') e convocação ('nós precisamos Y'). O formato vertical de 56 segundos sem cortes é adequado para consumo em stories ou Shorts, mas a monotonia visual (plano fixo, sem inserção de evidências mencionadas — 'tem vídeo, tem foto' 9.17s-16.03s que nunca aparecem) desperdiça a oportunidade de transformar alegação em prova visual que a base pudesse capturar e redistribuir. A peça cumpre bem a função de reforço de convicção e validação de indignação, mas deixa a base sem ferramenta prática para amplificar a mensagem.

Dimensões: D1: 5/5 · D2: 4/5 · D3: 4.5/5 · D4: 3.5/5

Penalidades: Ignorar objeção óbvia que o alvo carrega: menciona existência de vídeos e fotos (9.17s-16.03s) e áudio (16.74s-27.24s) como evidências, mas não os apresenta nem indica onde encontrá-los, deixando a base sem como verificar ou compartilhar a prova

Evidências:

- [0:00] "Flávio Bolsonaro não é santo, não! [texto na tela em caixa vermelha tremulante durante toda a peça]" — Código visual de inimigo comum que dispensa apresentação — pressupõe que o público-alvo já tem rejeição formada ao antagonista, funcionando como carimbo de pertencimento para quem assiste
- [0:16] "E ele gravou um áudio dizendo pro Daniel Vercaro, né, o bandido do Banco Master, né" — O 'né' repetido funciona como marcador de conhecimento compartilhado — pressupõe que o espectador já conhece o caso, linguagem típica de conversa entre pares que exclui quem está fora do circuito informacional
- [0:38] "E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê? Pra pedir dinheiro!" — Pergunta retórica com resposta imediata entrega frase pronta para a base repetir — não busca reflexão, busca fixação de argumento para uso em debates futuros, função clássica de munição para militância
- [0:42] "Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velhinhos, dos servidores públicos, né? [...] Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho." — Repetição da mesma vítima vulnerável em dois momentos (42.9s e 53.07s) não é falha de edição — é técnica de fixação emocional do frame 'roubo de idosos' para ancoragem moral da denúncia
- [0:00] "caneca preta com logo 'un' verde + camiseta verde militar com 'BOSS'" — Códigos visuais de pertencimento ao campo progressista (provável referência à UNE) que reforçam identidade do emissor sem constrangimento — adequados ao público-alvo declarado (base militante de esquerda), seriam expulsos se o alvo fosse persuasível

Sugestão: Inserir nos primeiros 10 segundos um CTA explícito ('compartilhe essa denúncia', 'marque quem precisa ver') e, ao mencionar existência de vídeos e fotos (9.17s), incluir por 3-5 segundos inserção visual das evidências ou indicação de onde encontrá-las, transformando alegação em prova redistribuível que a base possa usar como munição verificável.

P2 — Quem Bate, Perde — nota 3/10

A peça é um ataque direto e sustentado a Flávio Bolsonaro, estruturado como denúncia de associação com o crime organizado e desvio de recursos públicos. O orador constrói uma narrativa de culpabilidade por proximidade — o adversário visitou criminoso, gravou áudio chamando-o de irmão, pediu dinheiro de origem ilícita — mas comete o erro fatal de não apresentar uma única prova verificável ao longo dos 56 segundos. Todas as acusações graves ("tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras" aos 9-16s; "ele gravou um áudio" aos 16-27s) são afirmadas como fatos sem que o material seja exibido, linkado ou ao menos identificado com data e fonte. O eleitor brasileiro tolera crítica dura quando ela vem acompanhada de documento na tela, print, trecho de áudio, número de processo — aqui não há nada disso. A estratégia retórica é a da acumulação de acusações (relação com crime organizado, visita a condenado, pedido de dinheiro roubado de aposentados), mas sem lastro visual ou documental, o efeito é de insinuação, não de denúncia. O tom oscila entre sério e levemente irônico, especialmente na passagem "Essa história que era dinheiro privado? NÃO era dinheiro privado!" (47-51s), onde a entonação e o leve sorriso detectado no não-verbal sinalizam ar de superioridade — o orador se coloca como quem sabe a verdade e ridiculariza a versão contrária. Esse deboche sutil, ainda que contido, é suficiente para acionar a rejeição do eleitor de centro, que lê ironia como arrogância. A peça também mistura ataque programático (visita a investigado, pedido de recursos) com predicação de essência: a frase de abertura "a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado" (0-7s) não descreve um ato específico, mas rotula a trajetória inteira como contaminada. O mesmo ocorre com "o bandido do Banco Master" (16-27s) — rotulação direta sem mediação processual. O ataque é exclusivamente destrutivo: não há uma linha de proposta, contraste programático ou apresentação de alternativa. O texto na tela ("Flávio Bolsonaro não é santo, não!") permanece em caixa vermelha tremendo durante toda a peça, reforçando o tom de alerta e fixando a associação negativa, mas sem agregar prova. O público-alvo declarado é a base militante de esquerda no Paraná — para esse segmento, a peça funciona como munição de compartilhamento e reforço de convicção, mas não como ferramenta de persuasão de indecisos. A ausência de prova não inviabiliza a circulação interna, pois a base já aceita a premissa, mas impede que o conteúdo seja usado como argumento em disputa pública. A reestruturação prioritária seria: exibir na tela, mesmo que por 3 segundos, print do áudio mencionado, foto da visita com data, ou trecho de reportagem verificável; substituir "tem vídeo, tem foto" por "vídeo publicado em [veículo] em [data] mostra"; eliminar o tom irônico na passagem sobre dinheiro privado, mantendo gravidade factual; e incluir ao final uma frase de contraste programático ("enquanto isso, nós defendemos que recursos públicos sejam auditados por [mecanismo]"), transformando ataque em diferenciação.

Dimensões: D1: 0/5 · D2: 3/5 · D3: 2/5 · D4: 3/5 · D5: 2/5

Penalidades: ironia/ar de superioridade detectado no não-verbal (passagem 47-51s, sorriso de desdém ao mencionar 'dinheiro privado'); ataque sem nenhuma proposta na mesma peça (100% destrutivo, zero contraste programático ou alternativa apresentada)

Evidências:

- [0:09] "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro." — Acusação grave sem apresentação de prova — alega existência de material visual

mas não exhibe, não cita fonte, não indica onde verificar. Dimensão D1 = 0.

- [0:16] "E ele gravou um áudio dizendo pro Daniel Vorcaro, né, o bandido do Banco Master, né, que o Daniel era irmão dele, que eles iam tá junto em qualquer momento." — Segunda acusação sem lastro verificável (áudio não reproduzido, não transcrito com fonte) + rotulação direta ('o bandido') sem mediação processual. Dimensões D1 = 0, D5 = 2.
- [0:47] "Essa história que era dinheiro privado? NÃO era dinheiro privado!" — Tom irônico detectado (pergunta retórica seguida de negação enfática com volume elevado e leve sorriso de desdém no não-verbal). Penalidade por ar de superioridade. Dimensão D2 = 3.
- [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado." — Predicação de essência sobre trajetória inteira, não sobre ato específico — 'a vida dele é gravíssima' rotula a pessoa, não descreve conduta verificável. Dimensão D5 = 2.
- [0:41] "Pra pedir dinheiro! Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velhinhos, dos servidores públicos, né?" — Acusação de conduta específica (pedir dinheiro) com vítimas nomeadas (aposentados, velhinhos) — ataque programático, mas sem prova da intenção ou do pedido. Dimensão D4 = 3 (programático, mas misturado com essência).

Sugestão: Exibir na tela por 3-5 segundos print do áudio mencionado, foto da visita com data, ou trecho de reportagem com fonte verificável; substituir 'tem vídeo, tem foto' por 'reportagem de [veículo] em [data] mostra'; eliminar ironia na passagem sobre dinheiro privado, mantendo tom grave e factual; incluir ao final frase de contraste programático ('por isso defendemos auditoria cidadã de recursos públicos') para transformar ataque em diferenciação propositiva.

P3 — Performance de Debate — nota 4/10

O orador constrói um ataque frontal a Flávio Bolsonaro por meio de acusações de associação com o crime organizado, estruturando a fala como denúncia moral sem apresentar evidências verificáveis no momento da enunciação. A mensagem central — "Flávio Bolsonaro mantém relações graves com criminosos" — aparece de forma difusa ao longo de todo o bloco, mas nunca é sintetizada em frase-síntese repetível que abra e feche o segmento. O orador enumera episódios (vídeos, fotos, áudio com Daniel Vorcaro, visita após escândalo) como se fossem provas autoevidentes, mas nenhuma é exibida ou citada com fonte rastreável. Entre 9.17s e 16.03s afirma "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras", porém não nomeia onde estão nem quando foram captadas. A referência a Daniel Vorcaro e ao Banco Master (16.74s a 27.24s) é o único exemplo concreto com nome e sobrenome, mas a narrativa permanece no plano da alegação: "ele gravou um áudio", "foi visitar", sem timestamp do áudio, sem data da visita, sem processo judicial citado. A estrutura é acusatória-linear, não dialógica: o orador não responde a pergunta de adversário nem desenvolve argumento após resposta direta, porque não há pergunta externa — ele mesmo formula as perguntas retóricas ("foi lá visitar pra quê?", 38.39s) e as responde imediatamente ("Pra pedir dinheiro!", 41.51s), criando ilusão de diálogo quando na verdade controla ambos os lados. Esse recurso é eficaz para mobilização de base já convencida, mas seria evasivo em debate real, pois não sobrevive a contraditório. A conduta não-verbal é firme e controlada: gestos de mão aberta para enumerar, punho fechado para enfatizar acusação (42.45s), sem interrupções (não há interlocutor visível) nem sinais de fadiga. A postura ereta e o contato visual intermitente com a câmera transmitem convicção,

mas o leve sorriso irônico ao dizer "dinheiro privado" (47.96s a 49.33s) e a entonação de desdém configuram burla ao adversário ausente, o que em debate presencial seria penalizado. Os dados citados — áudio, visita, tornozeleira, origem do dinheiro — são todos não verificáveis no conteúdo: nenhum é acompanhado de fonte, processo, reportagem ou número de inquérito. A afirmação "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho" (53.07s a 56.78s) é categórica, mas sem lastro documental apresentado, torna-se temerária em contexto de checagem adversarial. O formato de corte vertical para redes sociais dispensa abertura e fechamento formais, mas o orador desperdiça a oportunidade de encerrar com chamada mobilizadora ou síntese memorável — a fala simplesmente termina na última acusação, sem ancoragem. Para público-alvo declarado (base militante de esquerda no Paraná), a peça cumpre função de munição: oferece narrativa pronta, antagonista nomeado, indignação moral calibrada. Mas para qualquer contexto de debate, sabatina ou entrevista com contraditório, a performance é vulnerável: ausência de fontes, evasão disfarçada de assertividade, e nenhum dado que resista a pedido de comprovação imediata.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 2/5 · D3: 2/5 · D4: 3/5 · D5: 1/5

Penalidades: ironia/burla ao oponente: sorriso de desdém e entonação irônica ao mencionar 'dinheiro privado' (47.96s a 49.33s); pergunta retórica do adversário deixada sem resposta contundente: orador formula as próprias perguntas retóricas e as responde, simulando diálogo inexistente (38.39s a 42.45s)

Evidências:

- [0:09] "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro." — Alegação de evidência concreta (vídeo, foto) sem apresentação ou fonte verificável — padrão que se repete em toda a fala e compromete D5 (solidez dos dados).
- [0:16] "E ele gravou um áudio dizendo pro Daniel Vorcaro, né, o bandido do Banco Master, né, que o Daniel era irmão dele, que eles iam tá junto em qualquer momento." — Único exemplo concreto com nome e sobrenome (Daniel Vorcaro, Banco Master), mas ainda sem fonte, data ou processo citado — eleva parcialmente D3 (concretude), mas não resolve D5.
- [0:38] "E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê? Pra pedir dinheiro!" — Pergunta retórica seguida de resposta imediata pelo próprio orador — simula diálogo e diretividade, mas é evasão estrutural que penaliza D2 (diretividade e estrutura).
- [0:53] "Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho." — Afirmação categórica sem fonte ou processo citado, temerária em contexto de checagem — núcleo da fragilidade em D5 e ausência de síntese que prejudica D1.

Sugestão: Sintetizar a mensagem central em frase-síntese repetível (ex.: 'Flávio Bolsonaro pediu dinheiro a condenado do Banco Master — isso está documentado') e abrir e fechar o bloco com ela. Substituir ao menos uma alegação genérica ('tem vídeo, tem foto') por citação rastreável (reportagem, processo, data). Encerrar com chamada mobilizadora para a base ('compartilhe para que todos saibam') em vez de deixar a fala morrer na última acusação.

P4 — Eleitor-Herói — nota 2/10

Esta peça é inteiramente construída sobre a figura de Flávio Bolsonaro como protagonista negativo — cada segundo de narrativa pertence ao adversário, suas ações, suas escolhas, suas relações. O eleitor não existe como personagem: não há dor nomeada que lhe pertença, não há transformação oferecida, não há papel ativo reservado. A estrutura é a de um dossiê de acusação apresentado por um promotor, não a de uma jornada onde o cidadão se reconhece e age. Desde a abertura, o foco recai sobre 'a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro' (0-7s), e assim permanece: 'ele gravou um áudio' (16-27s), 'ele foi visitar' (27-32s), 'ele sabia' (51-52s). O orador Zeca Dirceu aparece apenas como voz acusadora, sem construir empatia específica com as dores do território paranaense ou demonstrar autoridade por meio de realizações concretas a serviço do eleitor. A única tentativa de conexão com o público surge na menção aos 'aposentados, velhinhos, servidores públicos' (42-47s) como vítimas do esquema denunciado, mas essa referência funciona como combustível para indignação moral contra o antagonista, não como reconhecimento da experiência vivida pelo eleitor que assiste. Não há vocabulário do território, não há dor específica do Paraná, não há 'eu entendo o que você enfrenta quando a aposentadoria não chega'. A empatia é protocolar, genérica, subordinada à construção do inimigo. Quanto à autoridade, o orador não apresenta credencial — sua posição como deputado federal pelo PT do Paraná, informada apenas no contexto externo, não é verbalizada nem traduzida em prova de competência ('consegui X para pessoas como você'). O discurso é puro ataque, sem a contrapartida do guia que demonstra caminho. A razão eu/você de 99:1 confirma numericamente o diagnóstico: o 'eu' que fala ocupa todo o espaço ('eu tô inventando', 8s), mas não para se colocar a serviço — para afirmar autoridade epistêmica sobre o crime alheio. O 'você' está ausente, e o 'nós' aparece apenas de forma implícita e tardia na legenda ('o povo sabe'), nunca na fala. O eleitor não é convidado a se tornar nada: não há identidade futura oferecida, não há 'de esquecido a protagonista', não há 'foi você que conquistou'. A peça termina exatamente como começa, com o cidadão na posição de espectador de um escândalo protagonizado por outros. O messianismo não se manifesta na forma clássica do 'só eu posso', mas há um messianismo invertido: o orador se coloca como único capaz de revelar a verdade oculta ('tem vídeo, tem foto', 9-16s), guardião moral que expõe o que 'o brasileiro precisa saber' (legenda). A promessa implícita é negativa: votar contra o inimigo, não votar por uma transformação onde o eleitor age. Para o público-alvo declarado — base militante de esquerda no Paraná —, a peça cumpre função de munição: oferece argumentos, indignação calibrada, inimigo nomeado. Mas mesmo para esse público, a ausência de papel ativo é oportunidade perdida: militantes mobilizam-se melhor quando veem a si mesmos como agentes de mudança, não apenas como testemunhas de crimes adversários. A reestruturação prioritária exigiria inverter radicalmente a hierarquia narrativa: abrir com a dor concreta do eleitor paranaense (aposentado que perdeu economia, servidor que viu recurso público desviado), nomear essa dor com especificidade territorial, apresentar brevemente a credencial do orador como quem já enfrentou esquemas semelhantes, e só então usar o caso Flávio Bolsonaro como prova do padrão que o eleitor precisa interromper — com o eleitor, não o deputado, como agente da interrupção.

Dimensões: D1: 0.5/5 · D2: 1.5/5 · D3: 2/5 · D4: 0/5 · D5: 4/5

Penalidades: razão eu/você acima de 2:1 (99:1 conforme métricas); empatia protocolar sem especificidade territorial (menção genérica a aposentados/velhinhos sem vocabulário do Paraná); promessa implícita em que eleitor só rejeita, nunca age construtivamente

Evidências:

- [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima!" — Abertura que estabelece o adversário como protagonista absoluto da narrativa, com eleitor ausente desde o primeiro segundo
- [0:08] "Não é o que eu tô inventando isso." — Único momento de primeira pessoa, usado para afirmar autoridade epistêmica do orador, não para construir empatia ou demonstrar serviço ao eleitor
- [0:42] "Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velhinhos, dos servidores públicos, né?" — Única referência a potenciais eleitores, mas como vítimas abstratas do antagonista, não como sujeitos com dor nomeada ou identidade futura
- [0:51] "E ele sabia que não era!" — Reforço do antagonista como sujeito das ações moralmente condenáveis, mantendo foco narrativo no adversário até o final
- "O povo sabe exatamente quem defende a soberania nacional e quem só defende o próprio projeto de poder. (legenda)" — Único 'nós' implícito da peça, mas surge apenas na legenda escrita, não na fala, e sem oferecer papel ativo além de 'saber'

Sugestão: Abrir com a dor concreta e nomeada do eleitor paranaense (ex.: 'Você trabalhou 30 anos, contribuiu, e viu seu dinheiro sumir em esquema de banco'), apresentar credencial breve do orador como quem já enfrentou desvios semelhantes na Assembleia ou Câmara, e só então usar o caso Flávio Bolsonaro como prova do padrão — encerrando com o eleitor como agente: 'É você quem decide se esse ciclo continua ou se a gente vira essa página juntos'.

Flags de Integridade

Flags medem risco no conteúdo; não são recomendação de uso.

R2_desumanizacao — gravidade 2/3

Padrão recorrente de contaminação moral por associação estrutura todo o discurso. A metáfora estruturante identificada ('quem anda com bandido é bandido') opera lógica de pureza/impureza: proximidade física com pessoa rotulada 'criminoso'/'bandido' transfere essência corrupta ao antagonista. Não há análise de conduta específica verificável, mas predicação de essência moral corrompida. Rotulações definitivas ('bandido', 'criminoso') aplicadas sem nuance. Ataque à intenção ('ele sabia') agrava culpabilidade moral absoluta. Embora não chegue a animalização/objetificação explícita ou aval à violência (que exigiria gravidade 3), o binarismo moral (antagonista contaminado × vítimas puras 'velhinhos') e a lógica de contaminação irreversível configuram padrão estruturante de desumanização por impureza moral.

- [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado."
- [0:16] "E ele gravou um áudio dizendo pro Daniel Vorcaro, né, o bandido do Banco Master, né, que o Daniel era irmão dele"
- [0:33] "O Daniel já tava na casa dele provisoriamente de tornozeleira, já era um criminoso."

- [0:51] "E ele sabia que não era! Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho."

R4_campanha_suja_rumor — gravidade 2/3

Acusações graves (relação com crime organizado, pedido de dinheiro roubado, conhecimento prévio de ilicitude) apresentadas sem fonte verificável no conteúdo. Alegação de evidências concretas ('tem vídeo', 'tem foto', 'gravou um áudio') que não são apresentadas, exibidas ou referenciadas com fonte checável. Negação preventiva ('não é o que eu tô inventando') funciona como marcador retórico que antecipa objeção sem fornecer lastro. Pergunta retórica seguida de resposta categórica do próprio emissor ('pra quê? Pra pedir dinheiro!') substitui demonstração por afirmação. Atribuição de intenção ('ele sabia') sem acesso demonstrado a estado mental. Padrão recorrente: 13 dos 21 gatilhos identificados têm lastro 'não_verificável', com intensidade média alta (2.8 em gatilhos emocionais). Embora o emissor tenha credencial institucional (deputado federal), as acusações específicas carecem de ancoragem verificável no conteúdo apresentado.

- [0:00] "Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado."
- [0:09] "Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro."
- [0:38] "E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê? Pra pedir dinheiro!"
- [0:51] "E ele sabia que não era! Era dinheiro público!"

Inventário de Gatilhos (21)

t	Gatilho	Categoria	Int.	Lastro	Trecho
0:00	inimigo_nomeado	emocional	3	nao_verificavel	Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime
0:00	justaposicao	presuasivo	3	retorico	texto na tela 'Flávio Bolsonaro não é santo, não!' em caixa vermelha com borda branca, tremor animado, presente durante
0:00	geografia_persuasiva	presuasivo	2	real	estúdio com parede de tijolos à vista, iluminação quente e dramática, lâmpada de filamento exposto, ambiente informal
0:00	simbolo_autoridade	autoridade	1	real	microfone preto em pedestal profissional, formato de podcast/entrevista
0:00	credencial_verbal	autoridade	2	real	contexto identifica Zeca Dirceu como deputado federal pelo PT do Paraná, pré-candidato à reeleição
0:00	nos_identitario	unidade	2	retorico	legenda menciona 'O povo sabe exatamente quem defende a soberania

t	Gatilho	Categoria	Int.	Lastro	Trecho
					nacional' e público-alvo é 'base militante de esquerda
0:00	slogan_bordao	narrativo	2	retorico	legenda inicia com 'O ditado diz: diga-me com quem tu andas que te direi quem és'
0:00	metaphora_estruturante	presuasivo	3	retorico	associação com criminosos = essência moral corrupta (quem anda com bandido é bandido)
0:08	porque_justificativa	logico	2	retorico	Não é o que eu tô inventando isso.
0:09	dado_especifico	logico	2	nao_verificavel	Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro.
0:16	inimigo_nomeado	emocional	3	nao_verificavel	E ele gravou um áudio dizendo pro Daniel Vercaro, né, o bandido do Banco Master, né, que o Daniel era irmão dele, que el
0:27	indignacao	emocional	2	nao_verificavel	E ele foi visitar o Daniel Vercaro depois de todo o escândalo já ter sido revelado.
0:33	indignacao	emocional	2	nao_verificavel	O Daniel já tava na casa dele provisoriamente de tornozeleira, já era um criminoso.
0:38	pergunta_canal_unico	presuasivo	3	retorico	E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê?
0:41	indignacao	emocional	3	nao_verificavel	Pra pedir dinheiro!
0:42	repeticao_promessa	narrativo	2	retorico	dinheiro dos aposentados, dos velinhos... dinheiro roubado de aposentado, de velinho
0:42	indignacao	emocional	3	nao_verificavel	Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velinhos, dos servidores públicos, né?
0:47	pergunta_canal_unico	presuasivo	2	retorico	Essa história que era dinheiro privado?
0:49	indignacao	emocional	3	nao_verificavel	NÃO era dinheiro privado!
0:51	culpa_vs_vergonha	emocional	3	nao_verificavel	E ele sabia que não era!
0:53	indignacao	emocional	3	nao_verificavel	Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velinho.

Métricas computáveis

ritmo — 170 palavras/min; 0 cortes/min

- **silencios:** {"quantidade":0,"duracao_total_s":0} (ok) — nenhuma pausa dramática $\geq 1,5s$

- **cortes_min**: 0 (atencao) — ritmo de corte lento para consumo rápido
- **cena_media_s**: {"media_s":56.78,"mais_longa":{"ini":0,"duracao_s":56.33}} (atencao) — cenas longas — risco de monotonia visual
- **densidade_info**: 170 (ok) — densidade de fala confortável
- **variacao_ritmo**: 0 (ok) — ritmo constante (métrica informativa)
- **fala_continua_max**: 40 (atencao) — bloco de fala longo sem pausa/corte — fadiga
- **texto_tela_colisao**: 0 (ok) — texto e fala raramente colidem

emocao — perda/ganho 0; absolutismo 0/100

- **hedges**: 0 (atencao) — quase nenhum modalizador — discurso sem concessivas
- **absolutismo**: 0 (ok) — linguagem flexível
- **razao_dor_prazer**: {"razao":0,"sequencia_dor_prazer":false} (ok) — equilíbrio dor/prazer
- **razao_perda_ganho**: 0 (ok) — enquadramento equilibrado ou de ganho
- **essencia_vs_conduta**: "só essência (1)" (alto) — predicacões de essência ("é X") presentes — risco de desumanização/radicalização
- **desumanizacao_lexico**: {"trechos":[],"contagem":0} (ok) — sem metáforas de praga/sujeira/doença/animal

proposta — 0 promessa(s); 0 número(s)

- **promessas**: {"contagem":0,"primeiras":[]} (ok) — nenhuma promessa em futuro do indicativo
- **numeros_especificos**: {"contagem":0,"pct_quebrados":0} (atencao) — nenhum número citado
- **perguntas_retoricas**: 3 (ok) — 3 pergunta(s) sem resposta em 5s

estrutura — nenhum CTA detectado

- **ctas**: {"direto":0,"timestamps":[],"transitorio":0,"posicoes_relativas":[]} (atencao) — nenhum CTA detectado
- **loops**: {"abertos":0,"fechados":0,"abertos_no_final":0} (ok) — nenhum loop de curiosidade
- **porque_pedido**: 0 (atencao) — pedidos sem "porque" por perto
- **gatilhos_resumo**: {"logico": {"contagem":2,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":2},"unidade": {"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":2},"emocional": {"contagem":9,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":2.8},"narrativo": {"contagem":2,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":2},"autoridade": {"contagem":2,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":1.5},"presuasivo": {"contagem":5,"pct_lastro_real":20,"intensidade_media":2.6}} (ok) — 21 gatilhos em 6 categorias
- **t_primeiro_pedido**: null (atencao) — sem pedido com timestamp
- **repeticao_promessa**: 2 (ok) — promessa central repetida (reforço estratégico)

legibilidade — Fácil (Flesch 75.8), frases de 10.7 palavras

- **ttr**: 0.571 (ok) — diversidade lexical típica
- **concretude**: 1 (ok) — discurso concreto, gera imagem mental
- **flesch_ptbr**: 75.8 (ok) — leitura fácil (alvo atingido)
- **frase_media**: 10.7 (ok) — frases curtas, processamento leve
- **densidade_jargao**: 0 (ok) — pouco jargão político-burocrático

direcionamento — razão eu/você 99; "você" 0/100 palavras

- **indice_nos**: 0 (atencao) — pouca construção de "nós"
- **razao_eu_voce**: 99 (alto) — acima de 2:1 — narrativa centrada no eu
- **densidade_voce**: 0 (alto) — discurso pouco direcionado ao "você"
- **razao_nos_eles**: 0 (alto) — exogrupo tão ou mais citado que o endogrupo — pertencimento via hostilidade

Transcrição

Flávio Bolsonaro, a vida dele, a história dele no Rio de Janeiro, é gravíssima! Do ponto de vista da relação com o crime organizado. Não é o que eu tô inventando isso. Tem vídeo dele, tem foto, junto com as piores figuras, gente do crime pesado do Rio de Janeiro. E ele gravou um áudio dizendo pro Daniel Vorcaro, né, o bandido do Banco Master, né, que o Daniel era irmão dele, que eles iam tá junto em qualquer momento. E ele foi visitar o Daniel Vorcaro depois de todo o escândalo já ter sido revelado. O Daniel já tava na casa dele provisoriamente de tornozeleira, já era um criminoso. E o Flávio Bolsonaro foi lá visitar pra quê? Pra pedir dinheiro! Pra tentar pegar esse dinheiro dos aposentados, dos velhinhos, dos servidores públicos, né? Essa história que era dinheiro privado? NÃO era dinheiro privado! E ele sabia que não era! Era dinheiro público! Era dinheiro roubado de aposentado, de velhinho.

Ritmo de edição

Cortes: 0 · Cortes/min: 0.0 · Cena média: 56.3s

Gerado pelo Decodificador de Eficácia Comunicacional em 23/07/2026, 20:34:08